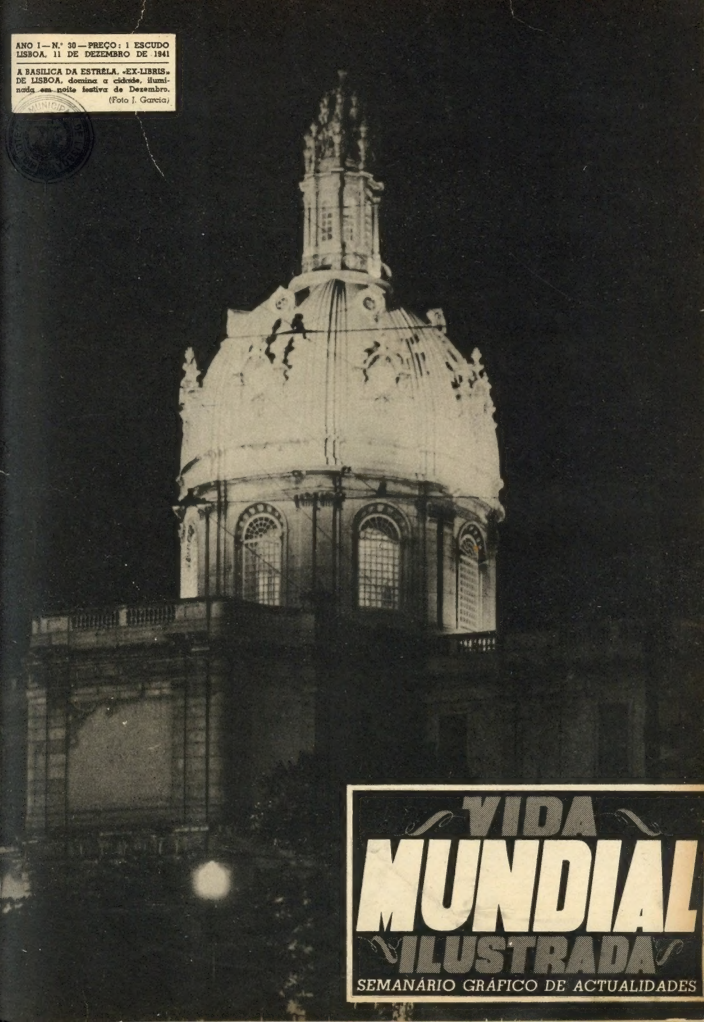
ANO I — N.º 38 — PREÇO: 1 ESCUDO
LISBOA, 11 DE DEZEMBRO DE 1941

A BASILICA DA ESTRELA, «EX-LIBRIS» DE LISBOA, domina a cidade, iluminada em noite festiva de Dezembro.

(Foto J. Garcia)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Há exatamente vinte e cinco anos... a vida e a morte de Gregor RASPUTINE

por S. Schmulevitz

GREGOR Rasputine, filho dum camponês pobre, nasceu em fins de 1871, em Pokrovsk, no govêrno sibério de Tobolsk. Crescendo em miserável ambiente, aí não aspirando a trabalhar no árduo ganha-pão do seu progenitor, começou por pescar em águas turvas, sustentando-se precisamente do negócio de cavalos roubados e de outras proezas, desde naturezas e devotando-se, ao mesmo tempo, ao álcool e ao vagabundismo.

Ainda mais novo, travou conhecimento com um padre, conhecimento êsse que havia de ter influência decisiva não só na sua vida.

Desaparecendo então da sua aldeia natal e vivendo durante vários meses no claustro de Werkhoutine, a-fim-de se adaptar aos hábitos eclesiásticos e criar o desembaraço de que necessitava na profissão que tencionava seguir. De repente, volta, e aparecer, de cabeça e barbas compridas, em sandálias, com uma cogula de monge, cingida por uma corda grossa. Deste modo, o santo estava pronto.

A princípio, êle dedicou-se a hábitos ascéticos, e a colecta de donativos para a construção de igrejas. Esta actividade, contudo, que o obrigava a peregrinar de aldeia em aldeia, não lhe sabia bem. Por tal motivo, fundou uma seita, que denominou dos «Excoriatus», a qual se prontificava a exaurir os muitos demónios dos corpos de espiritual ou materialmente enfermos. No entanto, e a breve trecho, vários respondiam de carácter abscêso estavam ligados à actividade da seita rasputiniana, e que provocou a maior indignação em tôda a área de Tobolsk.

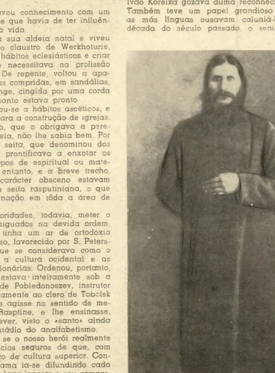
Não ou aram as autoridades, todavia, meter o «santo» e os seus apaniguados na devida ordem. E que êste misticismo tinha um ar de ortodoxia e de tradicionalismo russo, lavorecido por S. Petersburgo e Moscovo, porque se considerava como melhor remédio contra a cultura ocidental e as perigosas ideias revolucionárias. Ordinário, portanto, o Santo Sínodo — que estava inteiramente sob a influência reacionária de Pobiedonostzev, instrutor do Czar — muito delicadamente ao cerro da Sibéria e circunvizinhanças, que agisse no sentido de melhorar a conduta de Rasptine, e lhe ensinasse sabedoria, a ler e a escrever, visto o «santo» ainda ir encontrar no feliz estádio do analfabetismo.

Não se sabe ao certo se o nosso herói aprendeu, mas há indícios seguros de que, com efeito, adoptou um pouco de cultura superior. Consequentemente, a sua fama ia-se difundindo cada vez mais. O público simulava ignorar o seu comportamento escandaloso, pretendendo que tudo isso fazia parte da sua razão de ser. Com efeito, o profeta devia a posição de que goozava essencialmente a maneira como fascinava e seduzia o seu rebanho, em tôda a parte — Um gigante de estatura, olhos cinzentos, profundos e cintilantes, testa baixa, uma barba nívea enorme.

«O olho está alto, a máximha Rússia é grande e o palzinho Czar está longe» — diz o provérbio russo. Assim, pouco importava que ninguém lizesse Tobolsk de importância, em S. Petersburgo e Moscovo, ao nosso «Santo» bêbado.

«Santo» é uma máxima russa que «sanifica mais do menos o que «Sheik» em árabe—velho ou homem de idade. Como se sabe, a antiga igreja russa ortodoxa tendia, como nenhuma outra, ao místico e misterioso, à superstição e à crença na influência do sobrenatural sôbre os destinos dos mortais. Dada a grande ignorância dos componenses russos, de que três quartos não sabiam ler e escrever, e o baixo grau cultural do clero dos aldeões, não é de estranhar que surgissem parasitas refinados e aventureiros fortunos, a explorar a credulez das multidões e a obter uma posição privilegiada e lucrativa, deslumbrando-as com falsas exorcismos de naturezas religiosas. Naturalmente extrínsecos elementos melhores e piores e outros mais perigosos entre êstes sintomas da alma russa. Ora, o mais decisivo certo dêstes fatores, Rasputine, era o fanatismo.

Já antes de Rasputine houvera na Santa Rússia quem iniciasse a sua carreira como «Starets». No reinado de Alexandre I, vivia um dêles, um preste público e piedoso a quem atribuíam o dom da profecia e da inspiração divina, podendo êle — como se disse — intervir junto do Todo Poderoso em casos de emergência. Era reconhecido como guarda da verdadeira religião na Terra Russa. A sua bênção trazia a salvação eterna, a sua praga — a condenação. A influência destas singulares figuras sôbre os aristocratas e mesmo sôbre a Côrte, não representava nada de extraordinário, no Império Czarista. Nos tempos de Nicolau I, por exemplo, o profeta João Kreistes gozava duma reconhecida autoridade. Também teve um papel grandioso — porque nem as mãs linguas ousavam calunid-lo — na última, década do século passado, o sensível e venerando preste João de Kronstadt, que se elevara a homem de confiança de Alexandre III, sem, todavia, abusar da veneração que lhe era dispensada, para fins improbos. Em todos os actos de estado escutava-se o seu conselho espiritual e era êle quem estava ao pé do leito do Imperador nos seus últimos momentos e lhe ministrou a extrema unção.



RASPUTINE

Mas, depois, seguiu-se a depravação. O homem prodigioso era gerol e constantemente acompanhado por um séquito de sectários fanáticos, que se serviam da sua influência para os fins imorais. Embusteiros e vigaristas, cavalheiros de origem obscura, atravam-se, uns com maior, outros com menor sorte, do rendoso negócio da «Bênção». Juntavam dinheiro para pobres e instituições de beneficência (da qual, é claro, de aparecia a parte de leão nas suas algibeiras) e faziam um comércio lucrativo com utensílios eclesiásticos, com água benta, velas, icones etc. O maior rendimento era dado pela intercessão por doentes e pelas preces por agonizantes.

O caso de Rasputine é típico, mas principalmente devido à sua sorte proverbial.

Mundo «Santo» por recomendação do prior do claustro de Werkhoutine, o monge abandonou a sua terra natal e veio, em 1899, com a idade de 28 anos, a Kronstadt, às portas da capital. Conseguiu captar a simpatia do Santo João de Kronstadt, que o tomou debaixo da sua poderosa protecção e o autorizou a retomar a sua actividade em S. Petersburgo.

O centro das ideias místicas e reacionárias, era naquela altura o palácio da velha e riquíssima condessa Ignatiev, ambiciosa e intriguista, famosa pela sua ortodoxia e superstição tradicional. Era viúva de Nicolau Ignatiev, o político, conhecido como pan-eslavista e perseguidor dos judeus, em tempos embaixador em Constantinopla, provocador da guerra balcânica de 1877, favorito de Alexandre II, implacável repressentante da reacção e da oposição violenta do Niihilismo, e que morreu, vítima dum atentado, em 1908. A viuva adoptou com êstes o seu testamento político, continuando no mesmo caminho. Como a sua influência era enorme, o seu palácio constituía um «place de «rendez-vous» para suplicantes ambiciosos e parasitas sociais de tôda a espécie: Homens que queriam um pôsto de governador, governadores que ambicionavam uma pasta de ministros, monges que pretendiam ser bispos, bispos que pretendiam ser arcebispos, donos de um feudo que cobiçam duma bispado, oficiais da Rússia Asiática ou do Cáucaso que aspiravam ao brilho dos regimentos das capitais, adoradores do grande Pobiedonostzev, que condenavam tudo que era europeu e ocidental e viam a única redenção da Rússia no regresso à Idade Média, etc. A estrêla de Rasputine subia. Já em tempos havia dirigido os seus dividos olhares sôbre êsse círculo. Longas raízes neste terreno eram a sua suprema ambição. Era difícil, mas conseguiu-o. Por meio de ilusionismo e curas milagrosas, o mesmo dos quais se tornou logo amigo íntimo do grão-duque Pedro Nicolaievitch, irmão do comandante em chefe no principio da Grande Guerra. Rasputine havia também lançado raízes na côrte imperial.

As seguintes circunstâncias vêm explicar a influência de mesurada que ui, a breve trecho, obtivera. O czar e a czarina procuravam um homem doiado de qualidades sobrenaturais que pudesse ser um «guia» e um «apoio» para seu filho, o estúrdio czarevitch Alexiso, e um leal conselheiro e consolador a êles prestos na sua aflição. Parecia, para isso, ser Rasputine o homem indicado. A primeira dama de honor da imperatriz e sua amiga, Anastácia Virubova, o quem atribuíam relações mais que platónicas com o monge, fêz o possível para que a escolha recaísse sôbre êle. Igualmente filodar, o ministro do primeiro conselho de ser, se interessou. Claro está que o czar como a espôsa ignoravam por absoluto a vida lasciva do seu conselheiro espiritual.

O jóvem czarevitch sofria da hemofilia — a terrível doença de sangue — e todos os esforços dos mais afamados especialistas médicos, para curá-lo, foram em vão. A ânsia dos pais pela sua saúde, não ju tifica, porém, a e levação a uma tal posição de Rasputine. Não devemos esquecer que, como

(Continua na pág. 12)

A RÚSSIA EM CHAMAS

NA LUTA GIGANTESCA que se trava em terras russas, é vulgar o quadro desolador que a foto desta página nos apresenta. Ao entrarem numa cidade, após violentos combates, os soldados alemães deparam com tôda ela transformada num imenso brazeiro, chamas e ruínas.

Vida Mundial Ilustrada

panorama internacional

AO ESCOAR DA AMPULHETA

por Francisco Velloso

E não fôra o retroar de tempestade, que rola sôbre as extensões marinhas do Pacífico, dir-se-ia que a situação geral da política internacional da guerra se conservava ainda em gestação lenta nos últimos oito dias. Só o duelo nipo-americano a excitou e movimentou. A campanha da Rússia não descaíu, no poder do atacante e da resistência. A batalha da Líbia raspa no terreno pedregoso e adusto do deserto. Churchill denuncia a instante necessidade de acelerar os meios para um esfôrço total e decisivo — que virá no próximo ano e no seguinte!

O ÊRRO DE TÓQUIO

MATSUOKA

Quando em 1928 o Conde de Sforza redigiu o seu livro admirável e sempre digno de ler se sôbre o *Enigma Chinês*, o Japão acabava de retirar, nos fins do ano precedente, as tropas que na primavera mandara desembarcar no Chantung. Uma política de expansão contínua da sua economia industrial ditava com bom senso e aguda previsão a regra que se tornara aforismo: — os bons clientes não se fuzilam. E o seu cliente número um era a China.

O japonês sabia por experiência própria que o derramamento silencioso, tenaz e paciente do chinês é tão irresistível como o alagar das grandes cheias. E os seus mais avisados estadistas proclamavam que não deviam expulsar o chinês mas contar com êle e fazer-se aceitar por êle. Naquele tempo, há catorze anos, o lucidíssimo diplomata italiano já escrevia: «A ideia duma extensão de territórios, que aliás só pode ser concebida em conseqüência duma guerra, excita sem dúvida alguma os velhos espíritos nacionalistas do Japão, mas não seria uma solução prática. Os nacionalistas mais exaltados, sabem-o, conquanto o não confessem. Julgam êles que as guerras bastariam para afastar, com a intoxicação que tal aventura comporta, os perigos internos que se começam a entrever. Mas a experiência da Coreia e da Manchúria demonstraram bastantemente que por tal via não se topariam saídas para as novas gerações».

Desde essa época a política japonesa, como sempre, obedeceu às influências dos grupos externos, através dos partidos, chegando às altas temperaturas revolucionárias dos golpes de Estado e dos assassínios políticos em série. O partido militar conseguiu assim um ascendente de tal altura que, aproveitando por um lado as necessidades da superpopulação, e por outra da expansão dos produtos da indústria nacional, determinou a guerra da China. Quando esta se tornou sorvedouro de vidas e despezas, a sanhudez do militarismo nipónico criou a coalisão com a política do «Eixo», esquecendo se de que assim afastava de si os seus fornecedores em matérias primas essenciais quer à guerra quer à indústria e ao consumo. *Inde irae.* Daqui o desastre.

LINHAS SINUOSAS

TOJO

A partir de então, a política nipónica oscilou constantemente num equilíbrio. Os industriais exigem negociações até um limite pacífico em que os Estados Unidos, a Inglaterra e as Índias Holandesas transijam nos fornecimentos, e o exército e a chancelaria deram lhes o apoio das pressões militares e da maleabilidade diplomática.

A transacção, via Berlim, que levou Vichy a abrir a Tóquio as bases da Indochina, iniciou, com assaltos aos *settlements* nas cidades chinesas a parte de acção militar. As negociações em Washington estão no outro polo dêste jôgo arriscado. O côro das ameaças da imprensa e das vociferações discursadas faz o ambiente sonoro a semelhante política. O Japão não contou, porém, com a energia dos Aliados que ao mesmo tempo que cultivavam dentro do país as influências moderadas — a queda de Matsuoka é conseqüência disso — afrontavam com um bloqueio cerrado os desafios japoneses.

As negociações recomeçadas em Washington, interrompidas em meados de Novembro, reataram-se logo depois dos Estados Unidos exigirem explicações da concentração crescente de tropas na Indochina.

A 27, Nomura continuava a tocar no bordão da paz. «Nós apoiamos fortemente a paz». Em Singapura a 28, falava-se da invasão do Sião (cujo govêrno acaba de publicar um interessante documentário historiando as agressões que tem sofrido da França) por meio milhão de nipões, e nesse mesmo dia acentuava se pèssimismo geral em Washington. A própria agência oficiosa nipónica dizia que as conversações se aproximavam do fim. De facto, os Estados Unidos insistiam por que o Japão retirasse da Indochina se realmente queria receber matérias primas, e o *Baltimore Sun*, prevendo o pior, aconselhava o povo americano a preparar-se para a guerra.

A 29, o presidente Tojo, aproveitando o aniversário do pacto com o «Eixo» reclamava a expulsão dos anglo saxões do Oriente. Esta discurseira que passava do comum, obrigou Roosevelt a fechar apressadamente as suas férias. Uma esquadra poderosa japonesa rondeava nos mares das Filipinas. A Inglaterra (agora aliviada pelos Estados Unidos) reforçou logo de fortes unidades navais as bases de Singapura e pôs outra grande massa de unidades a sulcar aqueles mares. Tóquio, a 30, não respondera à nota de Cordell Hull. Mas o presidente continuava a bramar: «Vamos libertar-nos das algemas!» E apontava nas nações as exploradoras dos povos orientais, enquanto se espalhava a notícia, aliás nada surpreendente, de que o Japão desceria a ocupar por assalto parte duma ilha do arquipélago malaio para depois tentar assaltar Bornéo e os petróleos. Um na Indochina, outro nas Filipinas, os adversários mediam-se.

Então... outra vez o almirante Nomura voltou às falas mansas e Kurusu afirmou ser de boa política salvar a situação. Que se passara?

O ÚLTIMO TRANSE

CORDELL HULL

Roosevelt explicou o aos representantes da Imprensa no dia 2 na Casa Branca. «Dei as minhas instruções a Summer Welles, no sentido de preguntar aos embaixadores japoneses Kurusu e Nomura por que motivo enviou o Japão para a Indochina tão grande número de fôrças terrestres, aéreas e navais, e ainda por que motivo assinou, há meses, com o govêrno de Vichy, o tratado que ainda está na memória de todos».

E acrescentou esperar receber em breve uma resposta, por parte do Japão, «se bem que, disse, não tivesse sido fixado limite de tempo para essa resposta», e esclareceu que as conversações, com os representantes nipónicos, se encontravam já um tanto adiantadas, quando se recebeu a notícia de que o Japão estava aumentando os seus contingentes militares, aéreos e navais na Indochina francesa.

A alusão a Vichy (o que, certamente, teve repercussões nas conferências de Goering com Pétain, destinadas a fechar a colaboração franco alemã nas colónias) deixou a claro uma manobra oculta e traiçoeira. E de Hanoi o general Decoux veio tentar minorar os choques da revelação, com o subterfúgio de que as tropas nipónicas estavam na Indochina dentro dos limites do contrato — o que não explicava coisa alguma.

A situação escurecia a olhos vistos. Debalde o ministro japonês em Bangkok levava meios termos de serenamento ao govêrno siamês. Tudo continuava no mesmo pé.

Os Estados Unidos declaravam-se prontos a chegar a acôrdo desde que o Japão se comprometesse: 1.° — a manter a neutralidade em tôdas as circunstâncias; 2.° — a abolir a ameaça que faz pesar sôbre as Índias Orientais Holandesas e Singapura; 3.° — não desmanchar o equilíbrio das potências no Pacífico, estabelecendo a dominação nipónica na China; 4.° — dar garantias sólidas da execução dos seus compromissos. Isto como programa mínimo, em troca do qual os Estados Unidos recomeçariam gradualmente a fornecer as matérias primas indispensáveis. O Japão, pelo seu lado, desejava chegar a acôrdo, pondo como condição essencial o levantamento das sanções económicas.

No dia 3, Cordell Hull, na conferência que teve com os jornalistas, informava que o govêrno americano aguardava a todo o momento resposta do Japão, à consulta que lhe fora dirigida por Roosevelt. Considera se indispensável, para o bom êxito das negociações, a retirada de fôrças nipónicas da Indochina, que excedam o quantitativo de 25.000 homens, por ter sido êste o número estabelecido por acôrdo entre os governos de Vichy e de Tóquio.

Darlan e Laval ficavam de novo em falso, como sempre. As negociações consideravam se pràticamente terminadas. O bambú japonês deminuía o seu ângulo de oscilação... Era a guerra?

Foi, realmente, a guerra. A 7, de madrugada, começavam os ataques japoneses às ilhas do Pacífico.

S. O. S.

ROOSEVELT

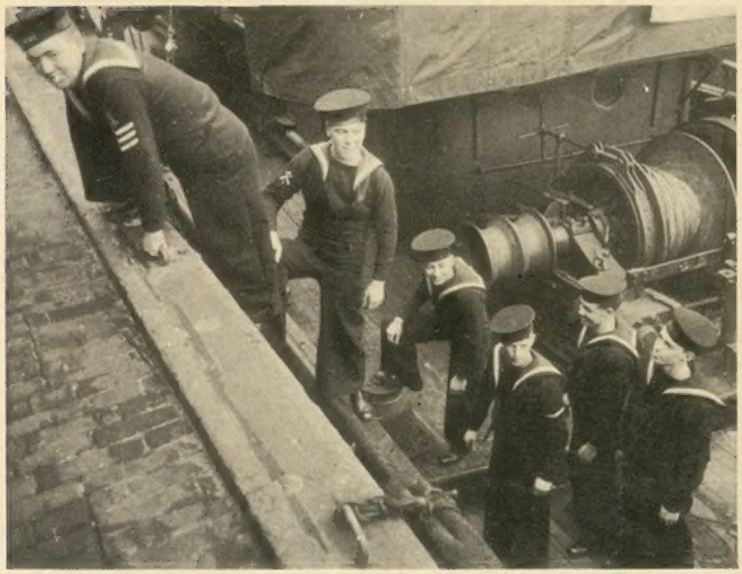
A decisão do presidente Roosevelt considerando, algo eufemisticamente «a defesa da Turquia vital para a defesa dos Estados Unidos» e ornando que «fôsse fornecido à Turquia o que ela necessitasse, tão depressa quanto possível», foi logo explicada como um refôrço às retaguardas britânicas do Próximo Oriente, e «por os actuais acontecimentos mostrarem que a Turquia é uma passagem importante para as regiões petrolíferas» dessa enorme região.

Num interessantíssimo artigo que li traduzido no *Espelho de Berlim*, o contra almirante alemão Lützov, depois de salientar a importância estratégica do Mar Negro, escrevia: «Êste facto (o poderio naval russo nesse mar interior) revela-nos a enorme importância do triunfo alemão na campanha grega provocada pela Grã Bretanha. A livre comunicação entre a frota britânica do Mediterrâneo e a soviética do Mar Negro significaria para o Reich um considerável aumento dos efeitos do bloqueio, teria deixado aberto um caminho para um auxílio à União Soviética, e constituiria, de-certo, um obstáculo difícil de vencer para o nosso avanço na Ucrânia ao Mar Negro». Não pode expôr se com mais justeza o problema, em meio do qual a Turquia aparece em pleno foco.

De facto, se por um lado, como

(Continua na pág. 16)

patrulhas inglesas no MAR do NORTE



TÔDAS AS MANHÃS, esteja o mar bom ou mau, saem dos portos da costa oriental inglesa as flotilhas de traineiras que se espalham pelo Mar do Norte. Que tarefa terão êstes barquinhos a cumprir todos os dias? Se olharmos bem, veremos que cada um dêstes pequenos barcos vai equipado com uma peça à prôa e uma metralhadora anti-aérea. São as patrulhas da costa e os caça-minas que partem para a sua perigosa missão. Um dia inteiro vão ficar entregues ao seu destino. Dão informações sôbre os movimentos das fôrças navais inimigas, a presença de submarinos e a localização das minas. É um trabalho extenuante. Mas evita muitos ataques e providencia pela segurança dos «combóios» inglêses. Quando as traineiras conseguem encontrar uma mina, comunicam logo para terra e uma flotilha de pequenos barcos de fundo chato seguem logo para o local indicado, em busca de mais minas nas proximidades. Os barcos de fundo chato, como é óbvio, correm menos perigo de fazerem explodir uma mina mas, ao mesmo tempo, não podem andar em busca delas, ao acaso, por não aguentarem o mar. Depois de três dias de faina, as traineiras regressam às suas bases onde, durante um dia, descansam as tripulações e se abastecem para um novo período de actividade.

(Fotos «Britanova»)

POR FELIZ INICIATIVA DO SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS, a cuja comissão administrativa preside Luiz Teixeira, comemorou-se agora, com muito brilhantismo, o tricentenário da «Gazeta», dita da Restauração — o primeiro jornal português. As cerimónias que solenizaram a passagem daquela data tiveram um acentuado cunho cultural e consistiram em conferências, exposições, sessões solenes e edição de várias obras e números comemorativos, cerimónias de que damos nestas páginas alguns aspectos gráficos.

DE CIMA PARA BAIXO: Um aspecto da inauguração, no Museu Rafael Bordalo Pinheiro, da Exposição denominada «Rafael Bordalo Pinheiro e os jornalistas». Na foto, vêem-se os srs. presidente da Câmara Municipal e dr. Jaime Lopes Dias. — Grupo de ardinas vestidos à maneira do século XVIII, vendendo nas ruas a «Gazeta». — Um aspecto da sessão solene comemorativa do tricentenário do primeiro periódico português. Na foto, vê-se o sr. dr. Alfredo da Cunha, académico, escritor e antigo jornalista, presidente da Comissão Executiva das Comemorações, fazendo a sua conferência. — Assistentes à inauguração, na Biblioteca Nacional de Lisboa, da exposição da Imprensa periódica portuguesa de 1641 e 1841 e de jornais e outras publicações jornalísticas existentes actualmente no País.

O 3.º centenário do primeiro periódico português

EM CIMA: Um aspecto da exposição comemorativa no átrio do «Diário de Notícias». AO CENTRO: Um dos quadros da exposição retrospectiva aberta no Salão de Festas de «O Século»: os srs. João Pereira da Rosa e Matos Sequeira recebendo os convidados, no dia da inauguração do certame. À DIREITA: Um aspecto da exposição no Sindicato Nacional dos Tipógrafos, vendo-se os membros da comissão administrativa daquele S. N. com alguns sócios do Grupo «Amigos de Lisboa» que ali foram de visita

O TRICENTENÁRIO DO PRIMEIRO PERIÓDICO PORTUGUÊS foi comemorado também pela Câmara Municipal de Lisboa com o descerramento duma lápida que o Município mandou colocar no prédio n.º 23 da rua dos Algibebes, actual rua de S. Julião, 140, onde teve a sua sede o mais antigo diário do continente — o «Jornal do Comércio», ainda em publicação.

EM CIMA: Dois aspectos da cerimónia na rua de S. Julião, vendo-se a discursar o sr. Denis Bordalo Pinheiro, ilustre director do «Jornal do Comércio». À esquerda: A mesa que presidiu ao descerramento da lápida comemorativa no prédio n.º 6 da rua Nova da Trindade, onde teve a sua primeira sede a «Revista Militar» — a mais antiga revista de Portugal, ainda em publicação.

O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA com os membros da Comissão Administrativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas e os mais antigos profissionais da Imprensa que foram condecorados com a Ordem de Cristo.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo II * A campanha da Polónia

3

A PARTILHA DA POLÓNIA

DESDE que as tropas soviéticas entraram em território polaco até à rendição de Varsóvia pode dizer-se que a marcha das operações militares não tem história. Com o govêrno em fuga e um exército batido, apertado na gigantesca tenaz germano-russa, a Polónia aguardou, com as suas principais cidades destruídas, que os vencedores ditassem, para a história, as condições em que seria feita, pela quarta vez, a sua partilha.

Foi no dia 17 de Setembro que o vice-comissário do povo para os negócios estrangeiros, Potemkine, mandou chamar ao seu gabinete do Kremlin, o embaixador polaco, Grzybovski para lhe entregar uma nota em que anunciava o propósito do govêrno soviético de liquidar ràpidamente, pela fôrça, o caso polaco.

«A guerra germano-polaca — dizia o documento entregue por Potemkine — pôs em evidência a incapacidade do Estado polaco. Ao fim de dezassete dias de operações, a Polónia perdeu tôdas as suas zonas industriais e centros culturais. Varsóvia deixou de existir como capital. O govêrno desagregou-se e não dá sinal de vida. Isto significa que o Estado polaco deixou de existir. Abandonada a si própria, sem chefes, a Polónia transformou-se num campo aberto a tôdas as surpresas. Essas surpresas podem criar para a U. R. S. S. uma situação perigosa. Por isso o govêrno soviético que até agora se manteve neutral não pode continuar nessa atitude de neutralidade. Também não pode permanecer impassível perante a situação dos ucranianos e russos brancos, com quem tem afinidades de raça e que, presentemente, se encontram sem protecção. Em face dêstes acontecimentos o exército vermelho recebeu ordem para atravessar a fronteira às 4 horas da madrugada de hoje (uma hora após a entrega da nota) tomando sob a sua protecção as vidas e os haveres das populações da Ucrânia ocidental e da Rússia branca. Ao mesmo tempo serão adoptadas tôdas as providências para libertar o povo polaco dos horrores duma guerra em que o lançaram os seus dirigentes».

O embaixador polaco recusou-se a receber a nota diplomática que Potemkine pretendia entregar-lhe e protestou, enèrgicamente, contra o seu conteúdo. Pediu na mesma ocasião que a êle e ao pessoal da embaixada fôssem dadas facilidades para abandonarem, o mais ràpidamente possível, o território russo. À hora indicada na nota de Potemkine, o exército vermelho atravessava a fronteira polaca.

Coincidindo com a entrada do exército vermelho em território polaco, o presidente da República da Polónia, Moscicki, e o govêrno, abandonaram Kuty e refugiaram-se na Roménia.

Em 18 de Setembro, as tropas russas ocuparam Vilna, cidade que durante vinte anos fôra um centro de divergências constantes entre a Polónia e a Lituânia. Nesse mesmo dia entraram em contacto com os alemães em Brest-Litovsk.

A 19, prosseguindo na sua marcha, que não deparou com qualquer resistência, alcançaram Lvov (Lemberg) enquanto a batalha de Gdynia se liquidava com a ocupação dêste pôrto pelos alemães. Em 20, os russos ocuparam, sucessivamente, Grodno e Kovel. Os alemães chegaram a Lvov, mas a cidade ficou na posse das tropas soviéticas. Estas atingiram, em 21, a região de Torisk. Feita a ligação das tropas invasoras e barrado o caminho da Roménia, único refúgio que poderiam alcançar, os polacos depuseram as armas, ficando apenas, durante poucos dias, a vibrar os focos de sistência isolados de Modlin e Varsóvia, sobretudo êste último que fêz frente aos atacantes até ao dia 29.

Artelharia alemã, avançando em território polaco, atravessa uma ponte improvisada pelos pontoneiros do exército do Reich.

A FRONTEIRA COMUM GERMANO-RUSSA

Russos e alemães estavam, assim, em condições de regular entre si a nova partilha da Polónia. O presidente Moscicki e o govêrno demitiram-se, constituindo-se em Paris um govêrno polaco que, presidido pelo general Sikorski, se colocou sob a autoridade dum novo chefe do Estado, o professor Rackzievski.

No dia 27, o ministro dos estrangeiros do Reich partia de avião para Moscovo, a-fim-de concluir com o seu colega russo o tratado de delimitação das novas fronteiras da Polónia. Êsse tratado, que tem a data do dia seguinte (28), dizia no seu artigo 1.º que os governos alemão e russo acordavam no traçado da seguinte linha de demarcação que passava a dividir os seus respectivos territórios: começando na extremidade sul da Lituânia, seguia, na direcção do ocidente, desde o norte de Augustow até à antiga fronteira do Reich, seguindo esta até ao curso do Pira; do curso dêste rio, seguia até Ostrolenka, corria ao longo do curso do Bug, inflectia ao norte de Ruska em direcção ao San e terminava, ao longo dêste, na sua nascente. Pràticamente, dois terços do território polaco passaram para a posse do Reich, que imediatamente ali instalou uma administração própria, ficando o têrço restante na posse dos soviétes. O Reich recuperou as regiões que antes da guerra de 1914 faziam parte do Império alemão e passou a ocupar as

Os oficiais russos e alemães após a conferência de demarcação das fronteiras em Brest-Litovsk

terras puramente polacas que marginam o Vístula. A U. R. S. S. ficou com as zonas habitadas por ucranianos e russos brancos. Sob o ponto de vista económico, os alemães passaram a ter à sua disposição os recursos da Polónia em carvão, ferro e as instalações industriais do sudoeste polaco; os russos apropriaram-se dos campos petrolíferos do sudeste e das riquíssimas florestas da Polónia oriental. A linha fronteiriça era, com pequenas alterações, a que Lord Curzon propusera em 1919 na Conferência dos Embaixadores e que a Polónia, criada pelos tratados de paz, nunca quis reconhecer. A linha Curzon fôra concebida em obediência ao princípio do respeito pela origem étnica das populações. Da população polaca, mais de vinte milhões de habitantes passava para o domínio alemão. Êste número incluía os polacos presos, os quais constituíam a sua maior parte, e cêrca dum milhão de indivíduos pertencentes à minoria alemã que os tratados de paz tinham deixado ficar incorporados no território da Polónia reconstituída vinte anos antes.

O artigo 2.º do acôrdo germano-russo dizia que os dois países, reconhecendo o traçado da nova fronteira, consideravam esta definitiva, não consentindo no assunto a intervenção de terceiras potências. As medidas de restauração política e de reorganização económica ficavam a cargo de cada uma das potências ocupantes nas zonas que cabiam à sua jurisdição. Por último (art. 3.º) os dois governos afirmavam que o acôrdo era mais uma prova e mais um fundamento para continuarem a sua política de colaboração.

Esta colaboração foi ainda reafirmada numa nota que o Reich e a U. R. S. S., em comum, dirigiram aos restantes países da Europa propondo-lhes a paz: «O govêrno do Reich e o govêrno da União Soviética, tendo regulado definitivamente, por um acôrdo, as questões postas pelo desaparecimento do Estado polaco, criaram uma base segura para uma paz durável na Europa oriental. Exprimem, por isso, a opinião comum de que, para corresponder aos verdadeiros interêsses de tôdas as nações, se deveria pôr termo ao estado de guerra existente entre a Alemanha, dum lado, e a França e a Inglaterra, do outro». Russos e alemães afirmavam, pela voz de Molotov e Ribbentrop, o seu propósito de evidenciarem todos os esforços para chegarem a êsse resultado, mas desde logo responsabilizavam as nações ocidentais pelo prosseguimento da luta, no caso de êsses esforços se malograrem.

A diplomacia germano-russa, como os exércitos dos dois países, trabalhavam em comum, perante a passividade de Londres e Paris. Mas os objectivos que visavam eram diferentes. A U R S. S. pretendia evitar a continuação das hostilidades com a ideia reservada de que, mais cedo ou mais tarde, ela se traduziria por um conflito armado com o Reich; êste, por seu lado, queria, pela aceitação incondicional da sua vitória militar na Polónia, desacreditar irremediàvelmente a França e a Inglaterra, levando estas, perante a iminência dum mal maior, a aceitar como boa a situação criada.

Mas, de momento, os seus esforços conjugavam-se, a-fim-de obterem um resultado que aproveitava ambos. Tanto em Berlim como em Moscovo contavam com as divisões realmente existentes na opinião pública francesa e britânica. Na Grã-Bretanha, o partido do apaziguamento detinha ainda valiosas posições. Na França, o partido do compromisso ocupava ainda alguns dos mais altos postos na direcção do Estado.

CONSEQUÊNCIAS MILITARES E POLÍTICAS DA DERROTA POLACA

As conseqüências militares e políticas da derrota rápida da Polónia foram incalculáveis. Sob o ponto de vista militar, essa derrota saldava-se com o desaparecimento do único exército regular que, depois do exército checo-eslovaco, se encontrava em condições de opor uma resistência apreciável à poderosa máquina militar do Reich. Depois da Checo-Eslováquia, as nações ocidentais perdiam o último aliado em condições de lhes prestar um auxílio sério na luta em que se tinham envolvido. O estado maior alemão ficava, de momento, liberto do seu pesadelo mais grave: ter de se bater em duas frentes simultâneamente.

As guerras preparadas por Bismarck, as quais tiveram o seu epílogo na constituição do Império alemão sob o cetro dos Hohenzollern, foram conduzidas isoladamente contra a Dinamarca, a Áustria e a França. O génio de estadista alemão conseguia realizar as condições prévias em que se basearam as vitórias do seu país. Quando da conflagração mundial de 1914-18, a diplomacia imperial não pôde repetir as realizações previdentes do Chanceler de ferro. A Alemanha bateu-se, simultâneamente, em duas frentes e foi essa a causa inicial da sua derrota ao fim de quatro anos de combates.

Em 1939, a preparação da guerra regressou aos moldes bismarckianos. O acôrdo inesperado com a Rússia Soviética deixou «no ar» uma Polónia mal preparada e dividida. Não conseguindo firmar o acôrdo que tiveram em vista com a U. R. S. S., a França e a Inglaterra estavam, de antemão, condenadas a suportar todo o pêso da ofensiva alemã quando esta viesse a desencadear-se.

As tropas de ocupação deixadas na Polónia, mesmo somadas com as que já ocupavam a Checo-Eslováquia, não afectavam, de maneira sensível, o potencial militar do Reich. Tratava-se de duas nações desarmadas, onde era natural que viessem a registar-se episódios isolados ou atentados pessoais, significativos do descontentamento da população, mas onde não ressuscitaria qualquer resistência organizada em condições de preocupar os ocupantes. Com a posse de Checo-Eslováquia e da Polónia, os recursos em matérias primas e em mão de obra indispensáveis para a continuação da guerra aumentavam em proporções apreciáveis.

As perdas sofridas pelo exército alemão também não afectaram sensìvelmente o total dos seus efectivos. Os números oficialmente apresentados em Berlim foram os seguintes: 10.572 soldados e oficiais caídos no campo da honra, 30.322 feridos e 3.409 desaparecidos. As informações de origem polaca avaliavam o número de mortos alemães em 15.000 e o dos feridos e desaparecidos em 150.000. Quanto ao número de mortos, as cifras do dois lados aproximam-se de maneira sensível, podendo calcular-se em 12.000 o número de mortos alemães. Como houve uma recuperação quási total dos feridos, verifica-se que a campanha da Polónia não modificou, quanto aos efectivos empenhados, o potencial com que a Alemanha entrou na luta.

Do lado russo não houve quaisquer perdas. O exército russo limitou-se a fazer uma caminhada através do território polaco, estabelecendo o regime dos sovietes nas localidades que ia ocupando. As perdas dos polacos foram severas, tanto em militares como em civis. A população sofreu pesadas baixas com os bombardeamentos aéreos que transformaram algumas das suas cidades em montões de escombros fumegantes.

O PROJECTO DE CONSTITUIÇÃO DUM NOVO ESTADO POLACO

As conseqüências de ordem política eram incomparàvelmente mais importantes: conseqüências de ordem local e conseqüências de ordem geral, que não tardariam a fazer-se sentir na condução geral da guerra.

O Reich e a U. R. S. S. voltavam a ter uma fronteira comum. Causa de satisfação imediata, nos dois países; causa de atritos distantes entre êles. Sempre que chegaram a acôrdo para dividir entre si a Polónia, russos e alemães criaram o germe de dissídios futuros. O contacto territorial germano-soviético voltou a estabelecer-se na Prússia Oriental, à volta de Tannemberg. E êste nome, cheio de recordações que não andavam muito distantes, nada dizia de bom.

Os dirigentes de Berlim e de Moscovo não alimentavam, no fundo do seu pensamento, grandes ilusões a êsse respeito. Por isso, o pensamento imediato dos primeiros foi o de constituir um Estado tampão com uma parte da população tìpicamente polaca, destinado, pela sua própria flutuação, a evitar complicações, a prazo mais ou menos longo. Discursando no Reichstag, para evocar os principais episódios da luta e para delinear as condições políticas que desejava ver realizadas, o chanceler do Reich afirmava: «Deve constituir-se no futuro um pequeno Estado polaco, reduzido aos seus limites étnicos razoáveis que não possa constituir mais um perigo ou uma ameaça, nem para o Reich nem para a U. R. S. S.».

Que a constituição dêsse Estado chegou a ser encarada não há dúvida, visto que o regime de ocupação na Polónia se modificou com o decurso do tempo e com as vicissitudes do conflito.

O marechal Goering, discursando, na mesma altura, perante os operários das fábricas de Berlim, aventuava que a propaganda dos inimigos do seu país queria fazer acreditar que o Reich nacional-socialista procurava a realização dum sonho insensato de dominação universal. «A Alemanha, declarou o marechal, pretende apenas a reparação das injustiças de Versailles. Atacou a Polónia para libertar os membros da minoria alemã que os tratados incorporaram no território polaco. O nosso fim consiste apenas em trazer, de novo, êsses alemães para o Reich». Estas vozes autorizadas revelavam a existência dum plano de realizações que, ao mesmo tempo que procurava tranqüilizar os seus

O chanceler alemão durante uma visita à frente da Polónia

Bismark, o estadista que constituiu o Império alemão, sob o ceptro dos Hohenzollern

vizinhos mais fortes, correspondia aos interêsses reais do Reich.

A U. R. S. S., GRANDE BENEFICIÁRIA DA CAMPANHA DA POLÓNIA

Mas os factos não podiam iludir-se, nem diminuir-se a sua gravidade. Os chefes políticos e militares do Reich sabiam que o esmagamento da Polónia trazia para o circuito europeu a Rússia, que êles tanto se tinham esforçado por afastar. A concepção de Munich, que representara para os aliados uma trégua antes de se travar o duelo decisivo com a Alemanha, passava a ter para êste país o mesmo significado profundo. A sombra gigantesca da U. R. S. S. ia projectar-se imediatamente sôbre o território alemão e sôbre os seus interêsses mais directos.

O Estado soviético adiantava as suas fronteiras. Os Estados bálticos eram os primeiros a sentir essa realidade nova. Até ao dia 10 de Outubro, os delegados da Estónia, Selter, da Letónia, Munsters, e da Lituânia, Urbsy, visitaram a capital soviética para assinarem, com o comissário do povo para os negócios estrangeiros, Molotov, pactos de amizade e assistência mútua, que representavam o primeiro passo para o predomínio total da U. R. S. S. naqueles países. Êsses pactos eram idênticos e incluíam todos os mesmos pontos: assistência militar recíproca, auxílio material aos exércitos dos países bálticos, instalação de guarnições soviéticas em determinados pontos estratégicos do seu território. No caso especial da Lituânia, a U. R. S. S. cedeu-lhe, em testemunho da excelência das relações que passaram a estabelecer-se, a disputada cidade de Vilna. Esta circunstância tornou o acôrdo russo-lituano aceitável para o povo da Lituânia e provocou na sua capital, Kaunas, demonstrações de regozijo popular.

A Rússia, graças ao seu acôrdo com o Reich e à política seguida em Berlim, saía do fundo do golfo da Finlândia, para onde fôra lançada pelos tratados de paz de 1919. A fresta de Leninegrado, criada por Pedro o Grande, transformava-se numa larga janela escancarada sôbre o Báltico. A situação naval e aérea neste mar interior sofria, assim, uma transformação radical em que a Alemanha aparecia como parte visivelmente prejudicada. Os exércitos soviéticos avançavam os seus quartelamentos até uma distância mínima da antiga capital polaca. Colocados a cem quilómetros de Varsóvia, podiam encarar, com tranqüilidade, a hipótese sempre provável duma colisão com as fôrças armadas do Reich cujo poder e cuja organização tiveram ocasião de apreciar durante as conversações em que apareceram associados oficiais russos e alemães.

Mais para o sul, a Rússia instalava-se na Galícia central, rica em jazigos petrolíferos, estabelecia um contacto relativamente largo com a Esvoláquia e, ao fim de onze séculos, restabelecia a sua fronteira tradicional com a Hungria. As comunicações directas entre o Reich e a Roménia ficavam interceptadas por uma faixa de território soviético. Ao longo das gargantas dos Carpatos, que passava a dominar, a U. R. S. S. podia um dia reivindicar a posse da via de acesso mais preciosa para a Europa Central: o Danúbio. Do Mar Negro ao Mar Báltico a potência soviética estabelecia-se.

A partilha e a ocupação da Polónia tornou-se, assim, a origem e a causa de novas lutas. Depois de ocupar a Estónia, a Letónia e a Lituânia, a Finlândia aparecia como um objectivo naturalmente designado das reivindicações russas; ao sul a Bessarábia e a Bukovina ficavam ao alcance da sua artelharia e dos seus agentes. A construção que o Reich pacientemente construíra, por meio de negociações ou por meio de guerra, estava ameaçada antes mesmo de se ter completado.

Potemkine, vice-comissário do povo para os Negócios Estrangeiros, que comunicou ao embaixador polaco a invasão do seu país pelas tropas soviéticas

O marechal Goering que afirmou em 1939 não ter o Reich «um sonho de dominação universal»

A ocupação dos territórios romenos, a campanha da Finlândia, no inverno de 1939, e a guerra germano-russa desencadeada no verão de 1941, encontram a sua expilcação fundamentada na partilha do território polaco. Longe de aproveitar aos que a realizaram, ela constituíu o motivo determinante da provação mais grave que os exércitos do Reich vieram a suportar ao fim de ano e meio.

(Continua)

(Reprodução, mesmo parcial, rigorosamente proibida)

No próximo número:
3.º Capítulo — ADVERSÁRIOS QUE SE ESPREITAM

Gregor Rasputine (continuação da segunda página)

hipótese de que o monge, efectivamente, possuía o dom de sugestinar ou hipnotizar.

Seja como fôr, Gregor era, antes de tudo, um grande espertalhão e apercebeu-se imediatamente do ponto fraco da czarina, que era o seu desespêro, dizendo-lhe: «As minhas orações pertencerão, daqui em diante, a ti e ao teu filho. A minha vida, a minha alma, a minha redenção devotá-las-ei a ti e ao teu filho. Acredita em mim. Será a salvação de criança. Hão-de caluniar-me, hão-de dizer mal de mim, sim, até hão-de querer matar-me. Uma visão celeste revelou-me que, de hoje em diante, a minha vida estará ligada à do príncipe. Seis semanas após a minha morte, a vida do czeravitch correrá um grande perigo, o Império estará à beira do abismo em que pouco depois se precipitará, arrastando consigo tôda a família imperial.»

Aterrorizada, a czarina ouviu a sinistra profecia do «santo» e jurou pôr o destino do seu filho e o seu nas mãos dêle.

E — caso estranho — logo após o aparecimento de Rasputine, melhorou o estado de saúde do príncipe herdeiro. Escusamos dizer que, conseqüentemente, o respeito por Rasputine aumentou imensamente. A czarina convidou-o a estar sempre próximo dela, para poder socorrer o filho em caso de emergência. De resto, o monge era suficientemente prudente para não maçar demais, a-fim-de não suscitar a desconfiança e a inveja doutros. Só vinha quando o chamavam e mesmo então com relutância simulada, para provar assim a sua absoluta insubstituibilidade. Aprendeu magistralmente o seu papel dramático. Viveu-o. O simples e ignorante «mujik», sôbre o qual parecia pairar a auréola resplandescente duma fôrça mística, revestiu-se duma elegância cortezã impecável. Aparecia agora numa blusa russa de seda cinzenta, bordada a fio de prata, cingida duma cinta com borlas de seda. As calças do melhor tecido e alfaiate e as botas brilhantes. O cabelo ondulado e bem penteado, a barba comprida, perfeitamente à moda.

Durante anos e anos, Rasputine conservou-se na sua posição de «padrinho» do czarevitch e conselheiro e consolador da mãi.

No primeiro tempo, abusou da sua influência para seu próprio proveito. Extorquiu dinheiro, muito dinheiro, de fornecedores, aspirantes, ambiciosos, condenados, para lhes valer junto das Majestades. O negócio dava bom rendimento. Pôde permitir-se adquirir um palacete de fidalgo. O capital ia-se acumulando, emprestava-o a juros, cuidava, enfim, do futuro. A par disso, não afrouxava nos seus vícios, bebia incomensuràvelmente, e entretinha relações amorosas que melindravam os círculos mais nobres. Porém, nunca vinha bêbado à côrte, e sabia justificar os boatos sôbre a sua vida desenfreada como calúnias e excessos de inveja.

Quando, em 1911, um deputado interpelou o primeiro ministro àcêrca do comportamento amoral e escandaloso de Rasputine, o govêrno fêz orelhas moucas, o assunto esqueceu-se, e a posição do conselheiro espiritual permaneceu intacta e inabalável.

Depois de obter o domínio completo sôbre a Imperatriz, era para Rasputine uma bagatela submeter o Czar à sua influência, especialmente, porque o carácter débil e inconstante de Nicolau II, inapto para governar, sempre disposto a transigir a esta ou aquela insinuação, favorecia tal tarefa.

Nove anos rodaram. E Rasputine tornou-se o conselheiro indispensável do Senhor de Tôdas as Rússias. A confiança que o Czar depositava nêle era ilimitada.

E, em 1914, eclodiu a Grande Guerra. Desde o princípio da conflagração, o Imperador viu-se perante obstáculos insuperáveis e perigos ameaçadores. Recorreu então ao conselho do «Mensageiro do Céu», tornando-se um instrumento automático, sem vontade própria, nas mãos dêle. «Não tenho outro amigo e conselheiro senão êle», exclamava o Czar freqüentemente com amargura. «Todos me abandonam, só êle é sábio e me secundará quando fôr necessário! Só êle!...»

(Conclue no próximo número)

Tropas JAPONESAS em acção

Em cima: O IMPERADOR DO JAPÃO, montado no seu cavalo branco, passa revista às tropas nipónicas durante as últimas manobras militares. Acompanha-o o Estado Maior Japonês. — Os adidos militares estrangeiros em Tóquio assistem às manobras, percorrendo, a cavalo, o campo em que elas se desenrolam. — À esquerda, o desfile de infantaria japonesa. — Em baixo, parada de carros de assalto das divisões nipónicas.

SINGAPURA chave do Oriente

EM CIMA: Esquadrilhas da R. A. F. largando do aeródromo de Singapura para observação dos objectivos inimigos. Êste aeródromo foi já, por várias vezes, atacado, sem êxito, pelas fôrças nipónicas. À esquerda, um aspecto dos bairros centrais da cidade. Em baixo: Tropas britânicas em operações de vigilância na península da Malásia.

O SR. DR. COSTA LÔBO fêz recentemente uma interessante conferência na Ordem dos Engenheiros. A foto mostra-nos o ilustre cientista a dissertar.

A FEDERAÇÃO DAS SOCIEDADES DE EDUCAÇÃO E RECREIO prestou, em nome de tôdas as colectividades do País suas federadas, homenagem à memória de Júlio Silva, grande propagandista do mutualismo e ardoroso defensor das classes proletárias. A foto mostra-nos um aspecto da sessão solene efectuada

É JÁ NO PRÓXIMO DIA 25 QUE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA» COMEÇA A PUBLICAR EM FOLHETINS O GRANDE ROMANCE POLICIAL DE MAX FELTON, **A ESFERA MISTERIOSA**

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12.15	Noticiário	G R Z	13.86 m. (21.64 mc/s)
		G S O	19.76 m. (15.18 mc/s)
12.30	Actualidades	G R V	24.92 m. (12.04 mc/s)
21.00 (*)	Noticiário	G S C	31.32 m. (9.58 mc/s)
		G S B	31.55 m. (9.51 mc/s)
21.15 (*)	Actualidades	G R T	41.96 m. (7.15 mc/s)

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Criai o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado o órgão oficial da B. B. C. A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1$20.

CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É UM PRODUTO MEDICINAL

A venda na Farmácia Estácio — Rossio e em todas as boas farmácias e drogarias

Vida MUNDIAL Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO — Director: JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.°—Lisboa—Tel. 25844 Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 27—Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.°—Telefone 2 6942.
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

JOÃO de Barros, que bem pode considerar-se o lirismo em pessoa, recordava há dias, numa crónica gentil, uma tradição que parece esquecida: o dia da árvore. Na verdade, porque não volta a consagrar-se um dia por ano ao culto da «Deusa verde» — como dizia Junqueiro? — Pensando bem, essa consagração não revestiria apenas o carácter duma verdadeira festa agrícola, mas assumiria o aspecto duma autêntica afirmação cívica e social. A árvore é, de facto, uma das grandes expressões da vida. Foi diante da árvore que o primeiro homem sentiu a frescura da primeira sombra, o aroma do primeiro fruto e o gorgear do primeiro ninho. Verdadeira imagem patriarcal da natureza bela e fecunda, cada árvore constitui um autêntico símbolo de paz, de doçura, de ternura, de acolhimento. É, ao mesmo tempo, um chapéu de sol — e um manual de filosofia. Abrigando-nos do calor e das intempéries, dá-nos simultâneamente a grata resignação para suportarmos as dolorosas contrariedades da existência. E não esqueçamos ainda, ao admirá-la e porventura ao consagrá-la num dia próximo, como pretende João de Barros, que devemos à árvore talvez a mais forte instituição humana: o cacete.

PETIZES

HÁ dias uma pequenita de cinco anos ia com a mãe por um passeio. De repente viu um automóvel a meter gasolina duma bomba automática através do competente tubo de borracha. Logo a petiza, num alvorôço:

— Olhe, mãezinha: um automóvel a tomar um *quistér*...

SAÚDAÇÃO

A ilustre médica sr.ª dr.ª Branca Rumina tem uma criada modêlo. Há tempos celebrava-se em sua casa uma amena festa familiar. De repente a criada pediu licença e exclamou, de copo em punho, perante o assombro de todos:

— Irra! Irra! Minhas senhoras!

A BÍBLIA

OUTRA da mesma criada. O ano passado foi à terra, uma aldeia em plena Beira Alta. Quando voltou, não se cansava em elogios ao prior da freguesia.

— Aquilo é que é! O que êle sabe! Todos os domingos lê as vesículas da Bíblia...

Vesículas, claro, eram os versículos!

WELLINGTON

O vencedor de Napoleão procurou um dia o grande pintor francês David para que êste lhe fizesse o retrato. Resposta do pintor, convicto patriota:

— Não costumo fazer retratos — a não ser de grandes homens!

ESPELHOS

O nosso amigo e infatigável noticiarista teatral Jaime Graça, ao entrar pela primeira vez no *Café Cristal*, exclamou, olhando a clientela reproduzida indiscretamente nos espelhos do tecto:

— Isto com o chão também forrado de espelhos era um Paraízo!

EM BOA HORA O DIGA!

Uma vez, numa das salas de audência do tribunal da Boa-Hora, respondia um homem acusado, nada mais nada menos, do que de seis ou sete crimes. Pálido, trémulo, nervoso, enfiado num coçado casacão preto que a luz esverdeava, depois de ter respondido às preguntas formuladas pelo juiz e a que, por lei, era obrigado a responder, delegou a defesa no seu advogado. Inquiriram-se as testemunhas de acusação que fizeram prova plena contra o argüido; as testemunhas de defesa limitaram-se, e ainda assim generosamente, a abonar o seu bom comportamento anterior; ao representante do Ministério Público não foi difícil sustentar o seu libelo; e (a verdade é esta) quando foi dada a palavra ao advogado de defesa todos preguntavam, em silêncio, à sua própria consciência, o que poderia êle dizer de concreto em benefício do seu constituinte. A sua oração começou pelos protocolares cumprimentos ao tribunal, logo se seguindo a análise do processo, a apreciação da prova e o retrato moral do réu. A análise do processo não foi longa; a apreciação da prova resumiu-se hàbilmente a considerações vagas e, de certo modo, filosóficas; mas o retrato moral do argüido foi traçado com tão generosa eloqüência, com tão magnânima sinceridade e com tão profunda convicção, que, aos olhos de muita gente, aquele homem, contra quem se fizera uma prova plena, principiou a surgir transformado não apenas num pobre inocente, mas numa autêntica vítima da justiça. Em muitas faces viam-se lágrimas. Os juízes já abanavam misericordiosamente a cabeça. O próprio Ministério Público caía em meditação. Quando o advogado terminou o seu discurso, e o presidente preguntou ao acusado se tinha mais alguma coisa que alegar em sua defesa, o homem levantou-se e murmurou, entre lágrimas, apontando o seu patrono:

— O tribunal deve absolver-me. Depois do que disse o meu advogado eu próprio fiquei inteiramente convencido da minha inocência...

Há episódios que valem biografias. Êste episódio retrata, à maravilha, o que vale, como homem do fôro, o dr. Diogo Ribeiro. É uma pintura exacta. Qualquer traço a mais — e lá se iria a pintura!

LEOPOLDO NUNES

A êste nosso velho amigo (e hoje uma das pessoas mais célebres do concelho de Vila Franca de Xira) foi oferecido recentemente um «garrafão de honra».

Eis uma honra que manda ventarolas!

SINAL DOS TEMPOS

INAUGUROU-SE recentemente em Lisboa um novo estabelecimento de cintas modelos. Num pequeno prospecto que temos presente, anunciam-se «famosas e luxuosas cintas para vestir, para modular o corpo, para emmagrecer, para banho e, mais, «soutiens», espartilhos para deminuïção dos seis, etc...» — elucidando-se a clientela de que «há modelos elegantes e especiais para cavalheiros».

Tomai nota, patriotas!

ALELUIA

AFINAL o *Coliseu* do Pôrto abre, dentro em pouco, mas com uma revista chamada *Aleluia*. Mas então agora a Aleluia é no Natal?

Mas quando haverá ordem e lógica no nosso teatro? Quando?

PALMIRA BASTOS E AMARANTE

ESTES dois conhecidos e aplaudidos artistas subiam, há pouco, o Chiado conversando amigàvelmente. Amarante vestia, sôbre o jaquetão, uma samarra castanho-escura.

Alguém comentou ao vê-lo assim vestido:

— Deve ser uma samarra dos «Bons tempos, meu patrão»...

Logo outro ripostou:

— Estás enganado. Agora é que é muita samarra — e pouca uva...

TOMAZ D'EÇA LEAL

O autor dos *Amorosos* representa um dos últimos abencerragens da galanteria. Há dias uma senhora preguntou-lhe:

— Que horas serão?

Imediatamente Eça Leal, numa mesura:

— As que V. Ex.ª quiser...

DRAMATURGOS

UM dramaturgo pouco venturoso encontra um crítico pouco lisonjeiro.

— Então a tua nova peça? — pregunta o crítico.

— Já está entregue — responde o dramaturgo.

— E quantos actos tem?

— Um.

— Não será muito?

O PRIMEIRO JORNAL

A propósito do tri-centenário do primeiro jornal português preguntava ontem alguém, à porta da *Bertrand*, qual teria sido o primeiro jornal que houve no mundo.

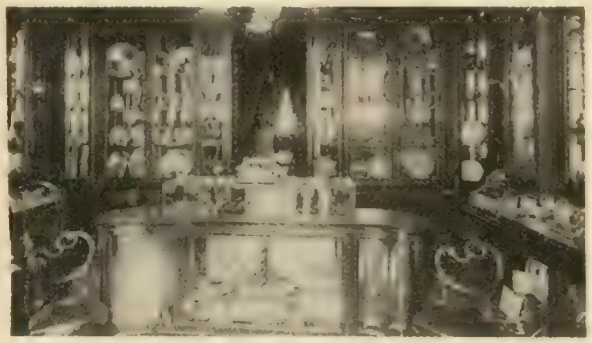
É fácil: *A Fôlha de Parra*.

Luís d'Oliveira Guimarães

O SR. DR. ARMINDO MONTEIRO, embaixador de Portugal em Londres, presidindo à sessão de recepção às individualidades que constituíram a missão da «Mocidade Portuguesa» em Londres. (Fotos «Britanova»).

JOALHARIA LORY & C.

ROSSIO, 40 - Casa fundada em 1902 - LISBOA - Tel. 23248



Casa especializada em alta joalharia, com brilhantes de boa qualidade. Pratas artísticas que se distinguem pelo seu modernismo e bom acabamento. Oficinas próprias para transformações e reparações por preços muito moderados.

DIA E NOITE...

Os inegualáveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M.ME CAMPOS

M.CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

LISBOA—RIO DE JANEIRO

Panorama internacional

AO ESCOAR DA AMPULHETA

Por FRANCISCO VELLOSO (Continuação da pág. 4)

já explicámos, fica sempre possível a tentativa alemã pela margem sul do Mar Negro sôbre o Cáucaso, não é menos certo o risco da passagem do Bósforo. Quer num caso quer noutro, o assalto aos Estreitos é golpe essencial.

Contra opiniões correntes, e baseadas nos correspondentes norte-americanos e em relatos da imprensa turca, salientámos aqui por mais de uma vez a ocupação militar alemã na Bulgária, volvida em campo entrincheirado, e na Trácia.

Ora, o *Times* em informação de Istambul refere-se já ao trabalho de organização de Von List, dizendo-o pronto para um ataque na primavera — se não fôr antes — ao cabo de preparações militares na fronteira sueste da Bulgária nos últimos três meses, com um ardor e rapidez sempre crescentes. Em Setembro, foram enviados destacamentos de infantaria alemã para as trincheiras na fronteira, medida que não foi tomada mesmo durante a campanha contra a Iugoslávia e a Grécia. O Quartel General alemão está agora estabelecido em Liubimets, cêrca de 11 quilómetros a noroeste da cidade búlgara fronteiriça de Svilengrad.

Repare o leitor em como êsse ataque pode mal ferir todo o sistema das concentrações dos exércitos inglêses do Próximo Oriente (para onde Londres, depois do malôgro patente da primeira arrancada de Auchinlek destacou o general Wilson) e da defesa da Síria.

E o complemento e a conseqüência do que relatam os últimos comunicados das operações no sul da frente russa.

REVELAÇÃO ESPANTOSA

AUCHINLECK

A Rússia continua de facto, como se vê, a ser o fulcro da guerra. Aproveitaram os Aliados êste facto? Churchill mobilizou um milhão e seiscentas mil mulheres solteiras para substituírem homens que vão entrar em filas, em número de cêrca de dois milhões. Mas êle próprio não escondeu ásperas verdades: «Devemos ainda reconhecer que a produção norte-americana sòmente agora está atingindo o seu maior ritmo, e que a contribuição que esperávamos dos Estados Unidos poderá ser retardada por muita forma. Isto, infelizmente, dar-se-á não poucas vezes no campo da produção de munições.»

E não hesitou em descerrar mais isto: «A Câmara recordar-se-á de que, por várias vezes, lhe descrevi, nos últimos 5 ou 6 anos o horário ou programa da produção de munições; no primeiro ano, absolutamente nada; no segundo, muito pouco; no terceiro, bastante; no quarto, tudo o que fôr necessário. Estamos agora no princípio do terceiro ano e os Estados Unidos no princípio do segundo. A Alemanha começou a guerra já em pleno quarto ano.»

O ano próximo disse êle que seria o mais agudo da guerra. Como quási sempre as suas previsões não falharam. A campanha da Líbia — onde Auchinlek e Cunningham, conquistando, perdendo, reconquistando posições, não conseguiram até agora domar as divisões de Rommel — é prolegómeno de futuras acções cuja grandeza podemos visionar.

Entrevistado a-propósito da sua nomeação para chefe do comando ocidental britânico, o tenente general sir J. H. R. Marshall ao ser-lhe preguntado qual seria a estratégia britânica quando chegasse o momento de invadir a Alemanha, observou que se tratava *duma operação ainda muito afastada*. Acrescentou: «Nessa altura, não nos devemos contentar com atingir o Reno: devemos seguir até Berlim». E como antigo adido militar na capital alemã, observou que na Alemanha, o povo não se considerou vencido, depois da última guerra, por os aliados não terem chegado à capital.

No entanto, veja se como, duma parte Hitler diante de Moscovo, Churchill diante do problema de jugular o inimigo, são ambos atiçados pelas mesmas urgências. A primavera próxima só florirá em sangue. Quem lá chegar mais preparado e pronto, levará o *handicap* para o terceiro e quarto ano que o *vêlho Winston* apontou...

A ampulheta escoa devagar, acirrando os nervos que por ela contam o perpassar das horas.

Nada há mais arreliento que o lustro do nariz, motivado pela sudação ou qualquer outra causa epidérmica. Os pós de arroz vulgares, de grão embora minúsculo, além de empastarem com facilidade, causam a dilatação dos póros numa acção lenta e invisível que só vêm a mostrar os seus efeitos às vezes anos depois. Moussine d'Argy é o pó de arroz reduzido a átomos, partículas imponderáveis que o tornam tão leve que flutua no ar como diáfana nuvem. A sua finura é tal que ninguém dirá que se usa pó. Além de atomizado por um processo secreto e patentado, Moussine d'Argy é vitaminado, isto é, contém ainda os poderes estimulantes dos produtos do Dr. Charpy, as vitaminas alimentares da pele.

Moussine d'Argy, em artísticas caixas — modêlos de Paris — prepara-se em tons para tôdas as «nuances» de pele.

VARIEDADES

UM HARÉM AÉREO

Um dos mais ricos maharajás da India, o de Nagpur, é um apaixonado da aviação. Tão apaixonado que possui nada mais nada menos que quinze aparelhos para seu uso pessoal. No entanto, êstes aviões todos são apenas os estrictamente necessários para o transportar a êle e às suas espôsas — cujo número se eleva a 75.

Homem de espirito moderno, o maharajá de Nagpur deseja que as suas favoritas sigam as suas pisadas — ou melhor, os seus vôos. Isto, evidentemente, acarreta-lhe grandes dissabores — e dificuldades. Na realidade, para seguir a lei do seu país, êle não pode consentir que as mulheres sejam vistas por outra pessoa que não seja o seu senhor, melhor, o seu dono. E, por isso, quando o maharajá queria dar o seu passeio, surgia sempre o problema de transportar as mulheres, do harém para o aerodromo, sem que olhares profanos lhe poisassem em cima. O nosso maharajá pensou, pensou, e resolveu-se, por fim. A solução achada foi a de construir um túnel de casa até ao campo de aviação, túnel que elas percorrem sósinhas. Agora, quando êle vai dar a sua voltinha de avião com as sete dezenas e meia de espôsas, ninguém as vê, nem mesmo os pilôtos que estão muito quietinhos no seu lugar e não podem voltar a cabeça para traz, sob pena de ficarem sem ela.

ISTO SIM, SÃO BIGODES!

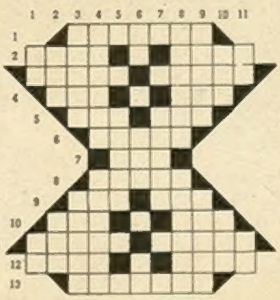
Há pouco tempo, os jornais portugueses deram conta dum concurso de barbas — estranho certame realizado nessa terra estranhamente fantasista e optimista que é a America do Norte. O concurso foi ganho por um respeitável senhor que apresentou mais de um metro de extensão pelosa, aquilo a que pode chamar-se umas barbas respeitáveis.

Damos hoje, porém, uma fotografia ainda mais fantasista. Trata-se de bigodes. É certo que o tempo dêsses ornamentos capilares já passou. Mas ainda há muito gente que os usa, que gosta dêles — e que tem a coragem de os levar a um concurso. Também ainda há quem os organize. E quem os ganhe. É o caso dêste grego, residente em S. Francisco da Califórnia que, com os seus 75 anos, apresentou ao público êste famoso bigode que tem de envergadura — de ponta a ponta — 93 centímetros.

Êste homem pode dar com os bigodes uma volta à cabeça — o que não deixa de ser coisa divertida.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3



HORIZONTAIS: 1 — Zigueizague. 2 — Primeiro Patriarca; Calçado. 3 — Côr de rosa; Nome de homem. 4 — Moléstia; Argola; 5 — Pé; Liga. 6 — Embala. 7 — Agora. 8. — Congénita. 9 — Nome de mulher; Guisado de camarões e ervas. 10 — Acredita; Rochedo. 11 — Programa; Sovaco. 12 — Chôro; Estreitar. 13 — Lacrau.

VERTICAIS: 1 — Vapor; Aqui. 2 — Graça; Pensei. 3 — Par; Praia. 4 — Nome de mulher; Abstinência de alimento. 5 — Provisão de mantimentos. 6 — Pref. (designativo de privação); Cólera; O. 7 — Adem. 8 — Oferta; Segurar. 9 — Libra esterlina; Ferro argiloso. 10 — Tanto; Labareda. 11 — Artigo, feminino plural; Chiste.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 2

HORIZONTAIS: 1 — Banza; Ossos. 2 — Ui; As; Ré; Ha. 3 — Ripa; Acne. 4 — Reina; Oitão. 5 — Auso; Ver; Lais. 6 — Macea. 7 — Talento. 8 — Sonda. 9 — Cras; Saa; Exul. 10 — Refia; Amima. 11 — Agro; Emir. 12 — Pé; Lá; An; Fó. 13 — Ermar; Ralar.

VERTICAIS: 1 — Burra; Crepe. 2 — Ai; Eu; Ré; Er. 3 — Riso; Sofa. 4 — Zaino; Sigla. 5 — Aspa; Mas; Arar. 6 — Valos. 7 — Mecenas. 8 — Renda. 9 — Orco; Ata; Amar. 10 — Senil; Emina. 11 — Etas; Exir. 12 — Oh; Ai; Um; Fá. 13 — Samos; Labor.

HELÈNE SHEA, uma rapariga belga de 19 anos, que fugiu, com sua família auxiliada pelos soldados escoceses, quando da retirada de Louvain, nunca mais quis abandonar o fardamento do exército britânico que, nessa altura, vestiu. Hoje, é condutora de automóveis e faz cêrca de mil milhas por semana.

DOUTOR EM FECHOS DE CORRER

Nos Estados Unidos, acaba de nascer uma nova profissão: a de especialista em fechos «éclair», ou, como se pode dizer em português, em fechos de correr.

De tal maneira se generalizou o seu uso que os fatos e os vestidos de senhora estão a transformar todos os seus botões em fechos daquele género. Trata-se, na realidade, duma moda prática e rápida. Rápida — é claro, quando o fecho corre bem, isto é, quando funciona. Imagine o leitor uma rapariga preparada para sair e com o fecho a trabalhar mal, emperrado, estùpidamente escangalhado. Que fazer? Tirar o vestido? Impossível! O fecho não corre nem para traz nem para a frente. Sair com as costas à mostra? Não parece bem.

Na América, quando acontece um caso dêstes, a vítima vai ao telefone e pede, com urgência, a comparência dum especialista de fechos de correr em sua casa. Em geral, êstes técnicos são muito expeditos. Resolvem tôdas as dificuldades. Mas fazem-se pagar bem. Daqui, nasceu esta nova profissão: homens formados em fechos de correr. Tão úteis e tão ansiosamente esperados como os médicos...

Charles Wayne Hudson, êste rochunchudo bébé, é um refugiado inglês que vive em casa de pessoas amigas da família no Texas americano. Com dois anos e meio, pesa cêrca de 40 quilos.

O CÃO E O CACTO (História sem palavras)

Por Stuart Carvalhais

Reabertura da Assembleia Nacional

COMEÇARAM HÁ DIAS os trabalhos da quarta e última sessão legislativa da segunda legislatura. Reabriram a Assembleia Nacional e a Câmara Corporativa. As fotos mostram-nos alguns instantâneos tirados à porta do Palácio do Congresso no dia da reabertura: os srs. dr. Júlio Dantas, comandante Tenreiro, eng.º Rodrigues de Carvalho e Alfredo da Silva

ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA

TODOS OS DIAS

Postos	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	7.50
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	11.00
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	15.30
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	20.10
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	»
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	»
Ondas	m. 221.1	(kcs 1357)	20.10
médias	m. 263.2	(kcs 1140)	»
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	22.10
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	»
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 18	m. 30.74	(kcs 9760)	23.00
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	»

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (kcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20.20 horas, e às quartas-feiras, às 20.10 horas, serão radiodifundidas palestras em língua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)

NA BATALHA DO DESERTO DA MARMÁRICA

VÁRIOS ASPECTOS OBTIDOS RECENTEMENTE na frente de batalha da Cirenaica, durante as operações que se seguiram à ofensiva do general Cunningham. De cima para baixo: Um oficial italiano fazendo, com o braço esquerdo, o sinal de avançar à sua companhia. — Uma peça anti-tank italiana em posição de combate contra os engenhos blindados inimigos. — Infantaria italiana atacando com granadas de mão e metralhadoras ligeiras. — Soldados das formações de engenharia destruindo as vedações de arame farpado no meio do fogo do inimigo.

A INGLATERRA TEM JÁ PREPARADOS OS SEUS CONTINGENTES DE PARAQUEDISTAS. A foto mostra-nos um soldado das novas formações transportadas de avião lançando-se dum aparelho, vestido, armado e equipado segundo o modêlo inglês.